

ESTUDO DA LÍNGUA JAPONESA ATRAVÉS DOS
DOCUMENTOS DEIXADOS PELOS MISSIONÁRIOS PORTUGUESES
DOS SÉCULOS XVI E XVII - PENSANDO O PASSADO E O
FUTURO DA MINHA INVESTIGAÇÃO¹

Toru Maruyama
Universidade de Nanzan

RESUMO: Muitos missionários portugueses foram ao Japão nos fins do século XVI e no século XVII para propagar o cristianismo. Compilaram vários livros, alguns dos quais são muito importantes para o estudo da língua japonesa, visto tratar-se das primeiras representações fonéticas da língua japonesa numa língua ocidental. Neste artigo são considerados os seguintes pontos importantes – a importância da imprensa; razões para a abundância em número e excelência em qualidade das obras no Japão; e também, o processo da imprensa da primeira gramática da língua japonesa pelo Padre João Rodrigues.

PALAVRAS-CHAVE: Missionários portugueses; Atividades linguísticas dos Jesuítas nos séculos XVI e XVII, Primeira gramática da língua japonesa; Importância da imprensa; Padre João Rodrigues

***ABSTRACT:** Following the route of Portuguese expansion, the Jesuit Mission Press produced linguistic works of indigenous languages of Africa, Brazil, India and Japan. Those concerning Japanese are indispensable for a historical study of the Japanese language. In this article the following points are considered in detail: the importance of the printing press; reasons of the abundance and high quality of linguistic works concerning Japanese; the process of printing of the first Japanese grammar by Father João Rodrigues.*

***KEYWORDS:** Portuguese missionaries; Sixteenth and seventeenth century Jesuit linguistic activities; First grammar of the Japanese language; Importance of printing; Father João Rodrigues*

1 Agradeço muito ao Padre Domingos de Sousa pela tradução e pelas sugestões académicas sobre a totalidade do meu artigo.

É para mim motivo de satisfação muito grande poder hoje participar do Congresso Internacional da língua e literatura portuguesa da Academia Filologica Brasileira aqui na cidade maravilhosa, Rio de Janeiro. Gostaria de agradecer à Comissão Organizadora do Congresso, especialmente ao Presidente da Academia, Professor Doutor Antonio Martins de Araújo e Professor Doutor Ricardo Cavaliere pelo convite gentil do meu artigo. Apesar do desastre recente que assolou o nosso país, os japoneses estão caminhando de novo para a frente. Estamos todos gratos pela atenção e a ajuda internacional que fizeram chegar ao Japão.

1. A Importância da Imprensa

Porquê o Cristianismo? Porquê os séculos XVI e XVII? Seguindo o caminho da expansão portuguesa, a imprensa missionária dos Jesuítas produziu obras das línguas indígenas de África, Brasil, Índia e Japão. Estas são de fato obras linguísticas pioneiras, as primeiras de línguas indígenas que alguma vez existiram. Porquê os séculos XVI e XVII? Porquê o Cristianismo? ² Estas são as questões que hoje devemos considerar primeiro.

Alexandre, o Grande, encontrou certamente um número considerável de línguas no seu caminho para o oriente. Mas nem ele nem nenhum dos seus intérpretes subordinados deixaram qualquer obra linguística nas línguas com as quais entraram em contato. Nem o famoso explorador Marco Polo, nem o famoso viajante Ibn Batuta nos deixaram qualquer obra linguística.

De fato no Islão o árabe é a única língua sagrada para os textos religiosos. No Budismo, apesar do fato de, ao longo da história, muitas das escrituras sagradas terem sido traduzidas para uma grande variedade de línguas, não existem obras linguísticas em línguas indígenas. O imperador Asoka não produziu nenhuma obra linguística, nem os famosos peregrinos chineses, que traduziram um considerável número de documentos religiosos para chinês, nos deixaram qualquer obra linguística em línguas indígenas nas suas jornadas de peregrinação.

No Cristianismo, pelo contrário, várias obras linguísticas foram produzidas. Porém, apenas nos séculos XVI e XVII. S. Paulo e aqueles que posteriormente propagaram o cristianismo para além do seu país de origem não produziram nenhuma obra linguística. Uma vez mais coloca-se a questão: Porquê

2 Nicholas Ostler "The social roots of missionary linguistics" in Otto Zwartjes et al (eds.) *Missionary Linguistics* John Benjamins Publishing Company: Amsterdam. 2004

o Cristianismo? Porquê nos séculos XVI e XVII? A chave de várias possíveis interpretações é a “impressa de caracteres móveis”. A seguinte observação de Francisco Xavier, numa das suas cartas enviadas do Japão, realça bem a sua importância: “Aqui podemos propagar o cristianismo através da imprensa”.³

No processo da impressão é necessário estabelecer uma norma linguística para a língua. Aqui aparece a questão de normas. Tem que decidir-se, por exemplo, formas fixas para cada letra, ortografia fixa para cada palavra, ordem de palavra fixa, expressões fixas etc. As análises linguísticas são indispensáveis para determinar estas normas linguísticas. O sistema de impressão com caracteres móveis foi usado mais eficazmente na atividade de proselitismo no mundo cristão dos séculos XVI e XVII, não apenas por protestantes mas também católicos. Devemos ter presente que o Pe. Rodrigues viveu durante este período.

2. Razões para a abundância em número e excelência em qualidade das obras no Japão.

Os missionários portugueses da Companhia de Jesus publicaram várias obras religiosas e/ou linguísticas sobre as línguas indígenas do mundo nos séculos XVI e XVII, tais como o kikongo no Congo; o kimbundu em Angola; o tupi e o kiriri no Brasil; o concani e o tamul na Índia e o japonês no Japão. Entre essas obras linguísticas sobressaem as obras sobre a língua japonesa, tanto pela quantidade como pela qualidade⁴.

Existem várias razões que explicam o sucesso da imprensa missionária jesuíta em produzir uma tal variedade de material linguístico num curto período de tempo. Em primeiro lugar, no Japão, pelo menos nas regiões onde os Jesuítas exerciam a sua atividade, havia apenas o japonês como língua falada. Isto é confirmado pelo relato de Jorge Alvares a Francisco Xavier que contém informação acerca do Japão no século XVI. Neste relato ele afirma que apenas uma língua é falada, da capital até à região já descoberta por eles. Ao receber este relato Francisco terá imaginado um futuro promissor para a sua evangelização no Japão. Como o título do livro *Arte de Grammatica da Lingoa mais vsada na costa do Brasil* sugere, existiam centenas de línguas indígenas diferentes faladas ao longo da costa do Brasil. O título do livro mostra claramente que,

3 “Dado que grande parte das pessoas sabem ler e escrever, nós podemos propagar o cristianismo através da imprensa”. (Carta nº 90 de S. Francisco. Schurhammer G. and J. Wicki. 1944-45. *Epistolae S. Francisci Xavierii aliaque eius scripta*. 2 vols. Roma: Historical Institute of the Society of Jesus).

4 Appendix em inglês.

para o autor Padre Anchieta, a língua tupi era uma das várias línguas indígenas. Diz-se que também na África mais de 1000 línguas diferentes eram faladas e na Índia mais de 200. Poderão ter havido ainda mais línguas faladas nessas regiões durante o período dos descobrimentos dos portugueses. No Japão, por outro lado, existia já um certo estilo comum da língua prevalente, desde a região sul até à capital, como a seguinte descrição dos missionários portugueses no dicionário Japonês-Português sugere.⁵

Cuniqiödan ----- Diferença das línguas, ou modo de falar de cada reino ainda que todos universalment falem a mesma lingua

Os estudos linguísticos sobre a língua japonesa são bons em qualidade porque existia já no Japão do século XVI um estilo de língua comum. Embora houvesse dialetos, o japonês era praticamente a única língua falada e podia ser facilmente transliterada para o alfabeto romano.

A segunda razão de os estudos linguísticos da missão jesuíta serem tão abundantes no Japão deve-se ao fato de, contrariamente ao que se passava ao longo da costa Africana e na Índia, não haver intérpretes entre os portugueses e os habitantes indígenas. Durante o período da expansão portuguesa, a área entre a costa oriental africana e a costa ocidental da Índia estava sob o domínio do Islão. Nas descrições épicas dos *Lusiadas* de Camões, que nos apresenta o triunfo da descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, aparecem os mouros que entendem a língua hispânica ou línguas da península ibérica. Os mouros ou povo islâmico, principalmente do norte de África, tinham estendido a sua influência a regiões tão longínquas como a costa ocidental da Índia. Ao ler várias crônicas de portugueses, encontramos frequentemente referência a intérpretes mouros que servem de intermediários entre os portugueses e os povos indígenas da África e da Índia. É muito natural que, nas áreas onde os portugueses se podiam fazer entender com a ajuda de intérpretes, as línguas indígenas não seriam tão estudadas como nas áreas que careciam de intérpretes como no caso do Japão.

Deparando-se com uma considerável variedade de línguas indígenas, os Jesuítas recorreram a várias estratégias para a aprendizagem de línguas. Na África, por exemplo, segundo Hein⁶, Vasco da Gama, no caminho marítimo para a Índia, fez-se acompanhar de dezassete especialistas em línguas: quatro

5 Kamei Takashi (comunicação pessoal)

6 Jeanne Hein. "Portuguese Communication with Africans on the Searoute to India". *Terrae Incognitae*. 25. 41-52. The Society for the History of Discoveries, 1993.

intérpretes africanos de línguas africanas, três portugueses conhecedores do bantu e árabe e dez portugueses reclusos, que foram levados com o objetivo de explorar regiões desconhecidas e aprenderem as línguas locais a fim de obter informação sobre essas regiões. Neste sentido, os intérpretes da costa africana eram frequentemente ou reclusos portugueses deixados em terra, ou africanos nativos capturados como escravos a fim de serem treinados a serem intérpretes bilíngues.

No Brasil foi introduzida uma política semelhant⁷. Nesta região os intérpretes eram principalmente formados por rapazes órfãos trazidos de Portugal para serem bilíngues em tupi/português e por colonos já fixados. Segundo Leite⁸, uma menor aprendizagem era necessária no Brasil, comparado com o Japão. Alguém que soubesse a língua indígena era já um teólogo no Brasil. Isto explica a razão por que os padres procuraram difundir o cristianismo apenas através da ajuda dos intérpretes, ou sem um conhecimento suficiente das línguas nativas, e também por que não havia uma tão grande variedade de obras linguísticas compiladas e publicadas nas línguas nativas.

Na Índia, depois da expansão portuguesa, os jesuítas tentaram converter jovens indígenas, que tinham idade suficiente para ter adquirido pelo menos uma língua nativa, cultura e costumes, em vez de pequenas crianças a fim de formar padres que fossem bilíngues e conhecedores de duas culturas. Se fosse ensinado português a pequenas crianças, teria havido a possibilidade de que não dominassem suficientemente a sua língua indígena. No quinto concílio realizado em 1606, foi confirmado que todos os pagãos com mais de doze anos eram obrigados a participar da Igreja. Esta norma terá alguma coisa a ver, como veremos mais tarde, com o fato de na versão concani da doutrina cristã todos os 46 casos da palavra que no original em português refere “minino” (menino) serem excluídos.

No Japão a situação sócio-linguística era completamente diferente. No primeiro encontro entre os portugueses e japoneses em 1543, quando um grande barco foi arremessado à costa da ilha de Tanegashima, um intérprete chinês a bordo comunicou com um responsável japonês, escrevendo caracteres chineses na areia. Através desta comunicação literal o Japão veio a saber que as pessoas a bordo eram do mundo ocidental. Depois da chegada ao Japão, em 1549,

7 Candida Barros e Toru Maruyama “O perfil dos intérpretes dos da Companhia de Jesus no Japão e no Brasil no século XVI” *Revista de História e Estudos Culturais*.2007

8 Apud Barros. Candida Barros. "Os interpretes Jesuítas e a gramática Tupi no Brasil (Século XVI)" *Cadernos*. Museu Paraense Emilio Goeldi. 4. 1-21. Belem (Brasil), 1994.

Francisco Xavier deu-se conta que o nível de alfabetização do povo japonês era tão elevado que um considerável número de pessoas sabia ler e escrever (Carta nº 90 de S. Francisco). Além disso, apenas uma língua era falada, isto é, o Japonês. Esta situação socio-linguística animou-o grandemente e levou a que uma estratégia linguística, bastante diferente da usada na África, Brasil e Índia, fosse aplicada para a difusão do cristianismo no Japão. Em vez de fazer os órfãos trazidos de Portugal aprender a língua ou deixar reclusos em terra como na África, os próprios missionários portugueses viriam a aprender a língua. É escusado dizer que não havia colonos disponíveis. Contrariamente à situação no Brasil, onde não todos os padres tinham de estudar as línguas indígenas, praticamente todos os padres tinham de estudar japonês de forma a poderem pregar diretamente ao povo japonês e ouvirem confissões das pessoas. Estas foram duas das grandes motivações para compilar várias obras linguísticas com grande abundância de informação acerca da língua japonesa, culturas, costumes e maneiras.

A terceira razão por que os estudos linguísticos eram mais abundantes no Japão tem a ver com o estado dos materiais escritos no Japão. No período da chegada dos portugueses ao Japão havia já muito material escrito em japonês para além dos dicionários de chinês-japonês. Esta estava longe de ser a realidade no Brasil, África e Índia. No Brasil e na África a quantidade de material escrito nas línguas indígenas era praticamente inexistente. Na Índia o material escrito em concani não era abundante. A disponibilidade de grande volume de literatura escrita na língua japonesa certamente que simplificava a aprendizagem da língua. Se um português no Brasil e na África fosse a aprender português ele teria que depender de uma pessoa local e seria mais difícil que aprender a partir de um texto escrito. É provável que aqueles que se viriam a dedicar à atividade de proselitismo recorreram a japoneses alfabetizados para os ajudar nos seus estudos. A existência de grande quantidade de materiais escritos teria também tornado mais simples a tarefa de alguém que desejasse compilar uma lista de palavras ou um dicionário.

A quarta razão tem a ver com o édito anti-*cristão* promulgado por Hideyoshi em 1587. A partir desse momento tornou-se necessária a difusão do cristianismo não apenas por via oral mas também através de material escrito. Esta é uma das razões principais para que a imprensa missionária jesuíta publicasse obras volumosas com caracteres móveis. Quem conseguiu fazer uma tal variedade de caracteres móveis é ainda desconhecido. Além disso, um considerável número de japoneses sabiam ler, pelo menos no final do século XVI e começo do século XVII. É referido que, mesmo por volta do século XIV, a

percentagem de pessoas alfabetizadas é bastante alta. Na sua carta n. 90, Francisco Xavier refere que dado que muitas pessoas são capazes de ler e escrever a forma do cristianismo prevalecer é através de material escrito.

□ Segundo Masayuki Tohoshima, os seguintes três pontos (de A a C) sobre a atitude dos jesuítas em relação à imprensa são tidos como confirmados.

A. Nos estudos linguísticos jesuítas em questão, por exemplo, nas gramáticas de João Rodrigues, apenas exemplos de materiais japoneses impressos são citados. Nos séculos XVI e XVII era mais comum haver materiais escritos à mão que impressos e muitos documentos importantes sobre literatura, religião e história eram transmitidos de geração em geração em forma de material escrito. Porém, João Rodrigues não deu atenção a esses como exemplos de frases nas duas gramáticas dele. Em vez disso, ele citou exemplos apenas dos materiais impressos de então.

B. Em geral os documentos cristãos impressos parecem ser cada vez mais organizados e estandardizados, à medida que o tempo avança, em termos de caracteres e vocabulário. Isto é, maior estandardização pode ser observada em obras posteriores. Esta tendência pode ser confirmada apenas em documentos impressos

C. No material jesuíta escrito não se observa a tendência acima referida. Isto quer dizer que houve uma diferenciação consciente entre material escrito e impresso. Apenas em relação ao material impresso se percebe uma forte tendência de estandardização. A questão é saber se a forte tendência de estandardização, referida por Toyoshima, é apenas observada no Japão ou também noutras regiões como no Índia. Esta parece ser uma questão controversa. Os conteúdos do manuscrito do dicionário concani-português compilado em 1626 são, de alguma forma, muito substanciais e sistemáticos. Contudo, não há evidência que esse manuscrito fosse alguma vez produzido e imprimido na Índia.

A quinta razão por que os estudos linguísticos eram mais abundantes no Japão deve-se ao fato de uma imprensa ser trazida para o Japão em 1560 pelo Pe. Alessandro Valignano para produzir obras em japonês com mais facilidade. Todas as obras linguísticas sobre a África e o Brasil eram impressas em Português. E para a Índia, que tem o maior número de obras linguísticas impressas a seguir ao Japão, a imprensa tinha sido já trazida em 1556. Mas ainda há, porém, varias questões por resolver sobre o sistema de impressão no Japão. Foi produzida uma grande variedade de caracteres móveis dos milhares de caracteres japoneses. A questão é a saber por quem foram feitos os caracteres e como foi possível fazê-los num período de tempot tão curto. Estas são duas das muitas questões que ficam até hoje por resolver.

A sexta razão por que os jesuítas deixaram tantas obras substanciais deve-se ao fato de ter havido um considerável número de japoneses com alto nível de alfabetização que colaboraram na compilação destas obras. Não sei se outras obras de gramática de línguas indígenas, por exemplo na Índia, também receberam qualquer influência da sua tradição linguística. Na base do conteúdo de um manuscrito do dicionário concani-português, com mais de 14.000 entradas, não podemos deixar de concluir que um considerável número de pessoas indígenas com elevado nível de alfabetização terá participado na compilação do dicionário. Este dicionário contém vários termos que expressam conceitos sobre o induísmo e que teriam sido ensinados aos missionários portugueses por colaboradores indianos anónimos.

O mesmo pode ser dito em relação às gramáticas compiladas pelo Pe. João Rodrigues. Embora não sejam referidos, terá havido colaboradores indígenas como elevado nível de alfabetização. Em todas as obras linguísticas publicadas pelos jesuítas é mencionado o nome do autor/editor ou simplesmente escrito: “compilado pelos padres our irmãos jesuítas”. Em nenhum dos casos é referido no texto o nome dos colaboradores indígenas. É quase impossível imaginar que dicionários ou gramáticas, sem mencionar as quatro edições da *Doutrina Cristã*, fossem compilados apenas pelos missionários portugueses. No caso da *Arte (Grande)*, há, pelo menos, evidência substancial que indica a participação de especialistas de uma particular escola de estudos chineses na compilação da gramática, mesmo que na página do título apenas apareça o nome do Pe. João Rodrigues. Na leitura das frases chinesas eram transmitidas secretamente várias formas diferentes entre os académicos das escolas de então. De acordo com Hiroshi Maruta, outro promissor jovem especialista, através de toda *Arte (Grande)*, apenas é mantida uma forma, a da escola Seike, na leitura das frases chinesas que aí aparecem⁹. Isto indica claramente que algum especialista de renome desta escola terá participado na compilação da *Arte (Grande)*.

A sétima razão por que os estudos linguísticos eram mais abundantes no Japão deve-se a que já existia uma longa tradição de papel feito manualmente. A arte de fazer papel veio da China através da Coreia por volta do século VII. Quase todas as obras impressas dos jesuítas foram compiladas com papel feito no Japão. Isto é completamente diferente das obras linguísticas africanas e brasileiras que foram publicadas em Portugal.

Não devemos esquecer o papel de figuras históricas que se envolveram na produção dessas obras. No que respeita ao Japão, é impossível ignorar a

9 Hiroshi Maruta (comunicação pessoal)

dedicação de João Rodrigues na sua extremamente sofisticada descrição da realidade do Japão de então.

3. Como a *Arte de Rodrigues* foi impressa?

3.1 A imprensa dos Jesuítas no Japão

A imprensa foi trazida para o Japão com o objetivo específico de publicar tratados religiosos de Alexandro Valignano em 1590. Além disso, esta é, sem dúvida, uma das razões que explica o fato de, desde então, ter florescido no Japão uma investigação linguística de alto nível acadêmico. Todas as obras linguísticas sobre África e o Brasil foram impressas em Portugal. Na Índia, pelo contrário, a imprensa tinha sido já trazida em 1556. Porém, há ainda várias questões por resolver em relação ao sistema de impressão usado no Japão. Foi produzida uma grande variedade de caracteres móveis dos milhares de caracteres japoneses. A questão é saber por quem foram feitos os caracteres e como foi possível fazê-los num período de tempo tão curto. Estas são duas das muitas questões que ficam até hoje por resolver.

3.2 O processo de impressão da *Arte por Rodrigues*

Ainda não estou certo até que ponto o Pe. Rodrigues participou no processo de impressão ou até no processo de preparação do manuscrito para a impressão. Em todo caso, é vital analisar esta questão, dada a importância da investigação das características da ortografia do português.

Vários aspectos relativos à forma como as obras dos jesuítas foram de fato impressas permanecem ainda desconhecidos. Porém, uma análise comparativa, entre a tendência ortográfica nas obras impressas de João Rodrigues e nos manuscritos escritos à mão¹⁰, sugere fortemente a possibilidade da existência de um grupo de pessoas que desempenharam o papel de intermediários em reescrever o manuscrito de João Rodrigues numa forma mais legível, antes de compor a impressão. A composição da impressão foi provavelmente preparada por japoneses sem conhecimento da ortografia portuguesa.

Supõe-se que a *Arte* escrita por João Rodrigues foi impressa em dois momentos diferentes. Isto é, a primeira metade do texto foi impressa em 1604

10 A caligrafia de João Rodrigues é deixada apenas no manuscrito da *Historia da Igreja de Japam* e nas suas próprias cartas. Quero agradecer de forma especial ao Prof. Masayuki Toshima por me permitir usar a sua máquina de leitura da base de dados das obras de João Rodrigues.

e o restante em 1608. Há uma diferença clara na impressão dos fólhos até f. 94, e de f.95 em diante¹¹. Embora o tamanho das letras é a mesmo em ambas as partes, o espaço entre as letras é mais pequeno na primeira parte que na segunda. Em consequência, embora o cumprimento de cada linha é 0.5 cm mais longo na segunda parte, o número de palavras por linha é menor. Além disso, as letras são mais grossas e menos distintas na primeira parte que na segunda. Isto mostra claramente que os caracteres usados para a primeira parte estavam já desgastados e provavelmente novos caracteres foram usados para a impressão da segunda parte. Com a introdução de novos caracteres, o espaço entre as letras terá sido ajustado e tornado menos estreito a fim de ser mais facilmente lido.

Uma diferença clara na transcrição de /ãu/ também pode ser observado entre os dois.

| Transcrição | -am | -an | -ã | -ão | -aõ |
|-------------|------|-----|----|------|-----|
| ~ f.94 | 313 | 3 | 9 | 1489 | 19 |
| f.95 ~ | 2014 | 15 | 44 | 76 | 1 |

Até f.94, grande parte da transcrição para /ãu/ é -ão, a partir de f.95 é -am. É preciso ter presente esta diferença na ortografia quando consideramos a formação da *Arte*. Não existem manuscritos da *Arte* escritos por João Rodrigues, mas a oscilação na ortografia entre -ão e -am podem ser observada nas cartas e outros documentos escritos por ele. Permanece, porém, a questão de saber como devemos interpretar a diferença clara nas tendências ortográficas entre a primeira parte e a segunda parte da *Arte*. É natural que haja alguma diferença na tendência da ortografia entre a primeira e a segunda parte porque João Rodrigues re-escreveu provavelmente alguns dos manuscritos durante a interrupção da impressão. Mas como é que uma diferença tão considerável na transcrição para /ãu/ deve ser interpretada? Não podemos deixar de pensar que terá havido a influência de uma ou mais pessoas na compilação do manuscrito da *Arte* ou na sua impressão.

Como o seguinte quadro mostra, há diferenças óbvias na tendência ortográfica entre as obras impressas e os manuscritos do Pe. João Rodrigues.

(1) Manuscrito consistente vs. Oscilações ortográficas nas obras impressas

¹¹ Tadao Doi (Notas à edição facsimilada da *Arte da Lingoa de Iapam* por João Rodrigues. Tokyo: Benseisha, 1976)

| | (AG & AB) | (MS) |
|------------------------|-----------|------------|
| significar / sinificar | ~ | significar |
| lingoagem / lingoajem | ~ | lingoagem |
| sogeito / sojeito | ~ | sogeito |

(~ = inconsistência ortografica)

(2) Consistente nas obras impressas vs. Oscilações ortográficas no manuscrito

| | (AG & AB) | (MS) |
|--------------------------|-----------|------|
| pera / para | pera | ~ |
| era / hera | era | ~ |
| m / n (antes de p, b, m) | m | ~ |

(~ = inconsistência ortografica)

(3) Oscilações ortográficas nas obras impressas e nos manuscritos, mostrando distribuições específicas nas obras impressas.

| | (AG & AB) | (MS) |
|---------|----------------------------|------|
| ão / am | ~ | ~ |
| | ão (principalmente em AG1) | |
| | am (principalmente em AG2) | |

(~ = inconsistência ortográfica)

Entre outras variações ortográficas, as diferentes tendências de ortografia entre a primeira e a segunda metade da *Arte* assim como na *Arte Breve* são as seguintes. A ortografia na coluna da esquerda aparece tanto no manuscrito como nas obras impressas. A ortografia da coluna da direita aparece apenas nas obras impressas—AG (a *Arte*), AB (a *Arte Breve*), AG1 (primeira parte da *Arte*), AG2 (the second part of the *Arte*).

1. antigamente, antigamête vs. antiguamête (AG1)
2. cincoenta vs. cinquêta (AG2)
3. comprede vs. comprehende (AG)
4. costume vs. custume (AG, AB)
5. depois, despois vs. depouys, despoys (AG1)
6. mais vs. mays (AG1)
7. melhor vs. milhor (AG)

8. proueitoso vs. prouectoso, proueytoso (AG)
9. quaes, quais vs. quays (AG1)
10. somente, sòmente, sómente vs. soamente (AG), sômente (AB)
11. taes, tais vs. tays (AG)

Na base da situação ortográfica referida acima, é extremamente difícil pensar que a ortografia original usada por João Rodrigues se refletisse diretamente nas obras escritas. Afinal, não existe nenhum dos manuscritos da *Arte* e da *Arte Breve* de João Rodrigues escritos à mão. E a sua caligrafia deixada em partes do manuscrito da *Historia da Igreja de Japam* e nas suas próprias cartas são extremamente difíceis de decifrar, mesmo para os falantes nativos. É mais provável pensar que qualquer outro português ou europeus se envolvessem no processo da impressão das suas obras e que as tendências ortográficas deles tiveram alguma influência na versão final impressa.

3c. Na Impressão, quem decide a ortografia de cada palavra?

Esta é, de alguma forma, uma questão controversa. Depende, claro, do período ou século em que a obra foi impressa. Na imprensa moderna, é o autor ou editor que decide a ortografia de cada palavra. Em alguns países as academias da língua ou o ministério da educação poderão decidir a ortografia padrão para cada palavra. Mas quem decidia nos séculos XVI e XVII a ortografia para as obras impressa?

Segundo Toyoshima¹², o compositor gráfico faz a composição do texto apenas lançando um olhar ao manuscrito preparado pelo autor. Porém, isto aplica-se apenas aos casos em que os compositores gráficos são falantes nativos ou têm um domínio suficiente da língua, como na Europa.

Por volta de 1600 e posteriormente, é difícil pensar que houvesse algum compositor gráfico português ou europeu no Japão. Neste caso, visto que as obras impressas de João Rodrigues não refletem a sua ortografia, a única possibilidade a considerar é que um grupo de pessoas com um bom domínio de português, ou até falantes nativos, terão intervido no processo da impressão das obras. Naturalmente que as suas normas ou tendências ortográficas se refletiriam nas obras impressas. Se houve pelo menos dois grupos diferentes, um primeiro grupo até 1604 e um segundo até 1608, é compreensível que se manifestasse uma diferença clara na tendência ortográfica entre a parte impressa em 1604 e a parte impressa em 1608.

¹² Toyoshima Masayuki (comunicação pessoal).

3.3 A extrema precisão das pessoas envolvidas na impressão das obras linguísticas jesuítas no Japão em comparação com as obras de gramática impressas no México.

Como J. F. Barreto se queixa da pobre qualidade da impressão e da dificuldade do trabalho remoto de revisão no prólogo à sua obra *Ortografia da lingua portugueza* (1671), a correção de textos era laboriosa para os autores, mesmo há cem anos.

Tomando como exemplo a gramática Japonesa de Oyanguren¹³, publicada no México em 1738, apesar do fato de haver alguns exemplos de descrições errôneas, na linha dos documentos anteriores, tais como a versão do *Vocabulario* Português e Espanhol, quase todas as outras inumeráveis descrições errôneas,

13 O Pe. Melchor Oyanguren de Santa Ines, Tagalist, autor religioso franciscano, nascido em Guipuzcoa em 1688, Espanha, chegou às Filipinas em 1717 e tornou-se padre dos Los Baños. Era fluente em Chinês e Japonês, apesar de nunca ter estado na China e no Japão. Morreu no México em 1747, deixando o seu MS do dicionário em três línguas: Tagalog-Espanhol-Cantabrian. Ele foi também o autor de uma gramática de japonês impressa no México em 1738”. (Eulogio B. Rodriguez “The Contribution of the Basque men to the Philippines” VII Congresso de Estudios Vascos (7.1948. Biarritz) - Donostia : Eusko Ikaskuntza, 2003. pp.535-538.) “A gramática de Oyanguren na Europa do século XIX não tem, de forma geral, valor linguístico de relevo para a investigação do Japão do século XVIII. Mas teve um impacto indireto considerável na Europa do século XIX. Diz-se que o rumor de que a língua japonesa foi inventada pelo demônio era corrente em partes da Europa do século XIX. Esta ideia da língua japonesa poderá estar relacionada com a seguinte descrição de Oyanguren na sua gramática:- ..., este arbitrio, discurso fue, conciliabulo de los Demonios para mas confundirlos, y dar mayor molestia à los Ministros del Santo Evangelio (p.1) – e provavelmente se divulgou através de vários escritos tais como o seguinte comentário de Steinmetz sobre o Japão - (Oyanguren disse que)a língua japonesa foi inventada pelo demônio para confundir os missionários e impedir a propagação do evangelho. (A. Steinmetz: *Japan and Her People* (London, 1859), Ch. VII.) Steinmetz terá provavelmente lido um curto ensaio comparando a gramática de Oyanguren com a gramática de João Rodrigues que foi adicionada ao suplemento da tradução francesa de Landresse da *Arte Breve*. (Humboldt, G. de. (1826): “Notice sur la grammaire japonaise du P. Oyanguren”, en : *Supplément a la grammaire japonaise du P. Rodriguez; Ou remarques additionnelles sur quelques points du système grammatical des Japonais, tirées de la Grammaire composée en espagnol par le P. Oyanguren et traduites par M.C. Landresse*, 1-12. Paris: A la Librairie Orientale de Dondey-Dupré Père et fils.) Este ensaio introdutório foi escrito por “M. le baron G. de Humboldt”. Ele terá seguramente obtido uma cópia da gramática de Oyanguren do seu irmão mais novo Alexander von Humboldt depois da sua viagem à America Latina em 1799-1804. Wilhelm von Humboldt também é famoso por ter introduzido o conhecimento da língua basca aos intelectuais europeus. (*Researches into the Early Inhabitants of Spain with the help of the Basque language* (original title: *Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner Hispaniens vermittelt der vaskischen Sprache*). 1821). A relação entre os escritos de Humboldt e a desaparecida gramática de Oyanguren, se é que há relação, é uma questão que requer mais estudo.

erros de ortografia, ou do espaço entre linhas¹⁴ devem-se aos limitados recursos linguísticos de Oyanguren ou a erros de impressão causados pelo extremamente limitado conhecimento de Japonês entre os compositores gráficos.

Em claro contraste com esta situação, percebemos que a inacreditável exatidão da impressão pelos jesuítas no Japão mostra como todas estas obras foram preparadas para a impressão por um grupo intermediário com uma habilidade consideravelmente alta para entender a língua usada, sem mencionar a atenção e deligência dos compositores gráficos.

4. O meu sonho para o futuro

O descobrimento do caminho para a Índia por Vasco da Gama inaugurou a época da globalização do mundo, pois reuniu as áreas comerciais europeias, islâmicas, indianas, chinesas e japonesas. O mesmo tipo de globalização está-se realizando na área da academia portuguesa aqui e agora. Gostaria de expressar o meu profundo agradecimento às senhoras e aos senhores aqui presentes hoje. Estamos no século XXI. Não podemos desenvolver qualquer tipo de atividade académica sozinhos. Sempre precisamos da ajuda ou das críticas dos investigadores de outros países ou de outras culturas. Caminhamos juntos para o nosso futuro e deixamos os valiosos frutos da nossa atividade académica para os nossos descendentes.

Referências

MARUYAMA, Toru. Father João Rodrigues and his attitudes towards language. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis et al (ed.). *Descrição do Português : lingüística histórica e historiografia lingüística*. Editora Cultura Acadêmica Universidade Estadual Paulista, 2002, p.83 ~ 95

_____. Linguistic Studies by Portuguese Jesuits in Sixteenth and Seventeenth Century Japan In: ZWARTJES Otto and HOVDHAUGEN Even (ed.). *Missionary Linguistics/ Lingüística misionera – Selected papers from the First International Conference on Missionary Linguistics*. Oslo: John Benjamins Publishing Co, 13-16 March 2003,2004, p.141-160.

¹⁴ Escusado será dizer que devemos tomar atenção ao tratar estes “erros” tipográficos, porque há possibilidade de alguns dos erros refletirem as variações de dialetos ou pronúncia distorcida.

_____. Pioneering Portuguese linguistic works on sixteenth and seventeenth century Konkani and Japanese. *Revista Portuguesa de Humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia da U.C.P v. 10 – 1/2, 2006a, p.137-150.

_____. Importância dos estudos recíprocos entre o japonês e o português dos séculos XVI e XVII. *Revista de Letras*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2006b, p.59-73.

Appendix

Lista dos trabalhos publicados pelos jesuítas no Japão durante os séculos XVI e XVII.

(J=caracteres japoneses, R=caracteres romanizados (japonês), ou alfabetos, L=latim, P=português) A lista baseia-se principalmente em Laures (1985) *Kirishitan Bunko*. Sophia University, Tokyo. Devemos levar em conta que a maioria desses trabalhos foi publicada apenas no lapso de vinte anos, de 1591 a 1610. Agradeço ao Prof. Emi Kishimoto por ter-me oferecido comentários pertinentes acerca dessa lista.

1. *Dochirina Kirishitan*. (Kazusa), c.1591 (Christian Doctrine) [J]
2. *Sanctos no Gosagueono Vchi Nuqigaqi*. Kazusa, 1591 (Lives of apostles, saints, and martyrs) [R]
3. *Doctrina Christan*. Amakusa, 1592 (Christian Doctrine) [R]
4. *Fides no Doxi*. Amakusa, 1592 (An abridged edition of Introduccion del Symbolo de la Fe por Luis de Granada) [R]
5. *Bauchizumono sazukeyo*.(Amakusa) c.1592 (On Baptism and Preparation for Death) [J]
6. *Feiqe no Monogatari*. Amakusa, 1592 (An adopted edition of a classical Japanese work Heike Monogatari) [R]
7. *Esopo no Fabulas*. Amakusa, 1593 (Fables of AEsop) [R]
8. *Xixo Xixxo*. Amakusa, 1593 (Collection of proverbs) [R]
9. *De Institutione Grammatica por Manuel Alvarez*. Amakusa, 1594 [L,P,R]
10. *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum*. Amakusa, 1595 [L,P,R]
11. *Contemptus Mundi*. (Amakusa) 1596 (Imitation of Christ) [R]
12. *Exercitia Spiritualia por Ignatius de Loyola*. Amakusa, 1596 [L]

13. *Compendium Spiritualis Doctrinae* (Bartholomeu de Martyribus). (Amakusa) 1596 [L]
14. *Compendium Manualis Navarri*. (Manual of confession and penances for priests) 1597 [L]
15. *Salvator Mundi*. (Nagasaki) 1598 (Manual of method of confession) [J]
16. *Racuyoxu*. (Nagasaki) 1598 (Dictionary of Kanji, or Chinese characters) [J]
17. *Guia do Pecador*. (Nagasaki) 1599 (An abridged edition of the work with the same title by Luis de Granada) [J]
18. *Doctrina Christan*. (Nagasaki) 1600 (Christian Doctrine) [R]
19. *Doctrina Christam*. Nagasaki, 1600 (Christian Doctrine) [J]
20. *Orashio no Honyaku*. Nagasaki, 1600 (Prayer book and catechism) [J]
21. *Roei-Zafit*. (Nagasaki) 1600 (Collection of poems) [J]
22. *Aphorismi Confessariorum*. (Nagasaki) 1603 (Moral theology) [L]
23. *Vocabulario da Lingoa de Iapam*. Nagasaki, 1603-04 [R,P]
24. *Arte da Lingoa de Iapam*. Nagasaki, 1604-08 [P,R]
25. *Manuale ad sacramenta Ecclesiae Ministranda*. Nagasaki, 1605 [L,R]
26. *Spiritual Xuguio*. Nagasaki, 1607 (Manual of Meditation) [R]
27. *Flosculi*. Nagasaki, 1610 (Anthology of Spiritual works) [L]
28. *Contemptus Mundi*. Kyoto, 1610 (Imitation of Christ) [J]
29. *Fides no Quio*. Nagasaki, 1611 (An abridged translation of Luis de Granada's *Introduccion del Symbolo de la Fe*) [J]
30. *Taiheiki Nukigaki*. (Nagasaki) 1611-12? (An abridged edition of the famous Japanese historical work *Taiheiki*) [J]
31. *Arte Breve da Lingoa Iapoa*. Macao, 1620 [P,R]